



TRAÇOS E CONCORDÂNCIA DE GÊNERO EM PORTUGUÊS

FEATURES AND GENDER AGREEMENT IN PORTUGUESE

Ícaro de Carvalho Bismarck Lopes¹
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo: Propomos uma análise comparativa da concordância de gênero no português das comunidades rurais afrodescendentes de Muquém (AL) e de Helvécia (BA), e da cidade de Salvador, Bahia, baseada na noção de subespecificação de traços apresentadas por Carvalho (2008, 2011), mas repensada a partir do conceito de concordância relativizada de Carvalho (2016). Para tanto, trataremos da noção de *traço*, sua natureza e o papel que ele desempenha na gramática, a partir do modelo minimalista da gramática gerativa. Posteriormente, evidenciaremos o papel que traço desempenha na operação *Agree* e, finalmente, traremos uma análise baseada em traços na tentativa de explicar como se comporta a concordância de gênero nas comunidades supracitadas a partir de uma perspectiva traçal. Admitindo que a configuração da categoria gênero em português é dominada por um nó neutro [CLASS] e que elementos nominais com marca de feminino são mais especificados, apresentando a configuração [CLASS[FEMININE]], assumimos que esta é a razão de a variação de gênero observada nas variedades afrodescendentes atingir apenas os elementos que desempenham o papel de sonda no domínio do DP. Propomos que o *locus* da concordância de gênero não estaria em núcleo nominal, mas sim em D. Com essa comparação, verificaram-se as semelhanças e diferenças na marcação do gênero, estabelecendo paralelos entre processos de mudança na morfossintaxe nessas comunidades que passaram por um amplo e profundo contato linguístico em sua história.

¹ icarobismarque@gmail.com.

Palavras-chave: Concordância; Gênero; Sintaxe; Português.

Abstract: *We propose a comparative analysis for gender agreement in the Portuguese of rural communities of Afro-descendants of Muquém (AL) and Helvécia (BA), and of Salvador da Bahia, based on the notion of feature underspecification as proposed by Carvalho (2008, 2011), but rethought on the basis of relativized agreement of Carvalho (2016). To do so, we will handle the notion of feature, its nature, and the role it plays in grammar from a minimalist point of view. Subsequently, we will highlight the role that features play on Agree and, eventually, we will bring a feature-based analysis in order to explain how gender agreement behaves in the abovementioned communities from a feature perspective. Admitting that the gender category configuration in Portuguese is dominated by the neuter node [CLASS] and that nominal elements marked with feminine are more specified, showing the configuration [CLASS[FEMININE]], we assume that this is the reason for the gender variation observed in the Afro-descendant varieties only affects the elements which play the role of probe in the DP domain. We propose that the locus of gender agreement is not within the nominal head, but in the D. With this comparison, we verify the similarities and differences in gender marking, establishing parallels among the morphosyntactic change processes in these communities which pass by a broad and deep linguistic contact in their history.*

Keywords: Agreement; Gender; Syntax; Portuguese.

INTRODUÇÃO

Entre os diversos aspectos de variação no português do Brasil, talvez a concordância de gênero em contexto de SNs seja um dos que mais chama a atenção, sendo este um fenômeno que vem sendo frequentemente analisado (LUCCHESI, 2000; KARIM, 2004; AGUILERA; NAVARRO, 2009, entre outros), uma vez que não se trata de algo comum entre as variedades do português, chegando a ser registrado em um nível significativo de variação apenas em certas comunidades rurais que passaram por um amplo e profundo contato linguístico em sua história.

Partindo de pressupostos teóricos embasados em Hudson (1980), Bickerton (1988) e Holm (1988), Lucchesi (2000, p. 18) afirma que:

[...] é natural que os mecanismos sintáticos de concordância de número e gênero, bem como da concordância verbal, se percam nos processos de transmissão linguística irregular, em que as estruturas gramaticais redundantes e de sentido referencial menor ou nulo tendem a se perder, na medida em que a interação verbal fica reduzida praticamente à função comunicativa da língua.

No panorama geral de dialetos rurais brasileiros, ocupam uma posição especial como fornecedoras de dados do português brasileiro as comunidades afro-brasileiras que até hoje se conservam numa situação de relativo

isolamento. Em sua maioria, essas comunidades se originaram em antigos quilombos ou em populações de escravos que receberam doações de terra, com o colapso dos empreendimentos agroexportadores escravagistas. Este é o caso, por exemplo, da comunidade de Helvécia (cf. Lucchesi, 2000), localizada no Município de Nova Viçosa, na microrregião de Porto Seguro, extremo sul da Bahia, como ilustrado nos exemplos (1) e (2)², e da comunidade escrava Muquém, situada em Alagoas, mais especificamente em União dos Palmares, tida como o berço do Quilombo dos Palmares e de um momento histórico importante para a história do Brasil, como ilustrado nos exemplos (3) e (4)³:

(1) [...] cada um tem **um natureza**.

(2) [...] opero no **perna** e tudo [...]

(3) **Aquele pessoa** [...]

(4) [...] **a última dia** dos leilões.

Por outro lado, diferentemente do que ocorre nessas comunidades afrodescendentes supracitadas, está o português urbano falado atualmente no país, como ilustrado em (5) e (6)⁴ abaixo, um português que, aparentemente, não possui variação na concordância de gênero e que sofreu um processo de gramaticalização nessa marca, relacionado a um processo particular de aquisição totalmente influenciado por uma ação normatizadora (cf. BISMARCK LOPES, 2014).

(5) [...] uns anos [...]

(6) [...] dos outros primos [...]

Dessa forma, no presente trabalho, propomos uma análise para o padrão de concordância de gênero no DP encontrado em variedades afro-brasileiras do português das comunidades supracitadas, baseada na subespecificação de traços de gênero, como proposto em Carvalho (2011, 2016), afirmando que apenas uma operação *Agree* é suficiente para concordância em contextos que apenas superficialmente aparentam dessemelhança.

² Exemplos retirados de Lucchesi (2000)

³ Dados retirados de Moura (2009)

⁴ Dados retirados de Lopes (2001)

2 PARA UMA DEFINIÇÃO DE TRAÇO- Φ

Partindo de um modelo minimalista de gramática, Carvalho (2012) afirma que *traços* podem ser concebidos como propriedades atômicas da gramática. Desta forma, analogamente, um dado traço [plural] é usado para determinar uma categoria do mundo real assim como, na química, H é usado para representar o elemento natural hidrogênio (ADGER; SVENONIUS, 2011). Portanto, o autor aponta que se torna essencial descrever as possibilidades estruturais de um dado traço a fim de que se possam estipular as propriedades que permitem que um traço estabeleça uma relação qualquer com outro traço, assim como, para um elemento químico entrar em uma relação com outro elemento químico, estes precisam respeitar certas propriedades estruturais e composicionais.

Assim sendo, Carvalho (2011) afirma que as restrições que delimitam uma teoria de traços devem ser robustas e definidas de tal forma que possam servir de aparato teórico para a constituição de um modelo de análise de língua. Em outras palavras, uma teoria que defina a estrutura dos traços da gramática de uma língua deve servir de modelo para determinar a estrutura da própria língua, uma vez que aqueles são seus elementos mais atômicos e formam todo e qualquer elemento desta.

Desde seus primeiros trabalhos, Chomsky procura implementar formalmente as categorias que compõem a gramática da língua a partir de elementos mais básicos (ou subcategorias). Se tomar como exemplo a distinção Próprio/Comum, pode-se ter as seguintes possibilidades combinatórias (CHOMSKY, 1965, p. 80), ilustradas em (7) abaixo:

- (7) $N \rightarrow \text{Próprio}$
 $N \rightarrow \text{Comum}$
 $\text{Próprio} \rightarrow \text{Pr-Humano}$
 $\text{Próprio} \rightarrow \text{Pr-não-Humano}$
 $\text{Comum} \rightarrow \text{C-Humano}$
 $\text{Comum} \rightarrow \text{C-não-Humano}$

Carvalho (2012) aponta que, em um sistema como esse, os símbolos “Pr-Humano” e “C-Humano” não têm relação um com o outro na medida em que são rótulos de categorias mais atômicas, o que traz problemas quanto a generalizações sobre, por exemplo, o que são nomes humanos. Para solucionar

tal problema, o autor aponta que Chomsky propõe que tais categorias devam possuir traços distintivos, analogamente à fonologia.

Dessa forma, Carvalho (2012) assume que traços são, portanto, elementos primitivos da gramática. Para justificar esta assunção, o autor sugere que se deve, primeiramente, esclarecer as condições mínimas para se estabelecer um sistema de traços como sendo o conjunto de unidades mínimas da língua. O autor assume com Adger e Svenonius (2011, p. 32) a seguinte definição para um dado sistema de traços:

(8) Um símbolo atômico extraído do conjunto $F = \{A, B, C, D, E, \dots\}$ é um traço.

Partindo disso, o autor presume que é possível estabelecer a diferença entre os itens lexicais *menino* e *menina* da seguinte maneira:

(9) Menino > [N]
Menina > [N, feminino]

Em (9) há dois traços, [N] e [feminino], que nos permitem estabelecer contraste entre os elementos. Mesmo se mantendo o traço [N] em ambos os itens lexicais, o traço [feminino] estabelece uma distinção mínima entre eles. Esse pressuposto acaba também corroborando com propostas apresentadas por Lobato (1994) e Mattos e Silva (2006), que consideram o feminino como forma marcada, portanto mais específica, e o masculino como forma não-marcada, sendo assim mais genérica.

Assim, Carvalho (2012) afirma que um sistema de traços requer uma organização interna, uma vez que nenhum traço possui outra característica que os diferencie além do próprio fato de serem privativos. Ainda segundo este autor, uma maneira de se organizar traços privativos é dispô-los de forma geométrica. Assim, traços como *pessoa*, *número* e *gênero* podem ser dispostos sob um nó dominante, hierarquicamente superior, ao qual o autor, seguindo a tradição da literatura, chama de ϕ (**phi**) (HARLEY; RITTER, 2002; BÉJAR, 2003; CARVALHO, 2008).

De acordo com Carvalho (2012), uma disposição geométrica geralmente implica restrições na distribuição dos traços, determinando que esta seja feita de forma ascendente. Entretanto, o autor destaca que uma organização interna do sistema de traços privativos não determina como estes elementos podem

estabelecer uma relação de dependência. Em outras palavras, como um traço privativo, como [plural], que não possui outra característica além do próprio fato de estar presente ou ausente, pode capturar uma relação de concordância? Partindo disso, o autor afirma que é necessário estabelecer uma regra que estipule que um traço como [plural] em N possa ou ser copiado (FRAMPTON; GUTMANN, 2000) ou estabelecer correspondência com o traço [plural] de D (CHOMSKY, 2001).

Através do que fora apresentado acima, pode-se inferir que a noção de traços permeia os trabalhos gerativistas desde sua origem. Entretanto, de forma geral, como aponta Carvalho (2012), muito pouco se sabe sobre a natureza dos traços ϕ , seja pela falta de interesse sobre a relevância de ϕ para a teoria sintática em geral, seja pela inexistência de uma teoria robusta de traços. De qualquer forma, os traços ϕ são fundamentais para a estipulação de operações básicas na sintaxe. Por exemplo, uma operação como *Agree* é construída inteiramente com base na existência de tais traços, sem, entretanto, estabelecer sua natureza ou determinar de forma mais substancial sua composição. De forma geral, pode-se dizer que a operação *Agree* apaga traços ilegíveis durante o mecanismo de valoração de traços formais de um elemento nominal (*alvo*) através da identidade de traços formais do mesmo tipo de um núcleo funcional (*sonda*). *Agree* é regulada por condições para *match* (combinação), como definidas abaixo:

Matching is the relation that holds of a probe P and a goal G. Not every matching pair includes Agree. To do so, G must (at least) be in the domain D(P) of P and satisfy locality conditions. The simplest assumptions for the probe-goal system are:

(i) Matching is feature identity [...].

(CHOMSKY, 1998, p.122)

Tomando como aparato teórico as noções de traços supracitadas e as presentes em Carvalho (2011), que propõe uma análise baseada na subespecificação de traços para gênero, gostaríamos de propor aqui que apenas uma operação *Agree* é suficiente para concordância em contextos que apenas superficialmente aparentam dessemelhança, como os encontrados nas comunidades afrodescendentes de Helvécia-BA e Muquém-AL⁵.

⁵ Carvalho (2016) apresenta uma análise para o que ele chama de *concordância fracassada*, isto é, concordância entre uma sonda e um alvo que aparentemente não compartilham o mesmo conjunto de traços ϕ . Para tal, o autor propõe uma concordância relativizada que, de forma geral, assemelha-se à análise que será proposta mais adiante.

3 A PROPOSTA DE ANÁLISE

Os dados em (1)-(6) acima expostos podem agora ser vistos a partir da noção de subespecificação de traços. Como destacado por Carvalho (2011), para fins de concordância, é necessário apenas que haja identidade entre o nó raiz das árvores de traços dos elementos que estão em configuração de concordância para que esta seja bem sucedida.

Entretanto, Carvalho (2011) sugere que o traço valorado de gênero está localizado no núcleo nominal, como é tradicionalmente assumido na literatura linguística (cf. LUCCHESI, 2009), e que gera problemas para análise de outros fenômenos que envolvem não identidade de traços entre sonda e alvo, como os exemplos em (10) e (11) abaixo. Gostaríamos de, assim, propor aqui que o *locus* de gênero é o núcleo D. Essa assunção parte de evidências independentes apresentadas em Carvalho (2016).

Carvalho (2016) propõe, por seu turno, que uma concordância relativizada, isto é, a possibilidade de concordância entres pares sonda-alvo sem correspondência total de traços, é o que permite a suposta "falha de concordância" das estruturas predicativas com sujeitos nus exemplificadas em (10-11) abaixo.

(10) Maria bêbada é chato.

(11) Crianças é divertido.

De acordo com Carvalho (2016), os nomes entrariam na sintaxe apenas com [CLASS], sendo D o *locus* da especificação desse nó. Essa proposta tem respaldo interlinguisticamente. No inglês, por exemplo, isso pode ser verificado pela ausência de qualquer marca de gênero em seus nominais, o que não impede a recuperação deste traço quando o nominal é substituído por um pronome especificado para gênero (cf. (12-13)).

(12) The boat is old, but I can't

DEF.NEUT barco.NEUT é velho.NEUT, mas eu posso.não

sell her.

vender ACC.3.SG.FEM

"O barco é velho, mas eu não posso vendê-lo"

(13) She is old.

Ela está/é velho.NEUT

Essa constatação tem suporte na proposta de Déchaine e Wiltschko (2002) que assumem que os pronomes em (12-13) são categorias com diferentes sintaxes. Em (12), o pronome objeto se comporta como um $\text{pro-}\varphi\text{P}$, enquanto em (13), *she* se comporta com um pro-DP . A relevância de uma divisão em camadas (ou traços, em nossa análise) se dá pelo fato de tais pronomes terem sintaxes diferentes e poderem se comportar ora como Ds, ora como elementos dependentes (φ s), o que pode ser verificado nos testes abaixo:

(14) The boat is old, but I can't sell her $_{\varphi\text{P}}$ /*the her $_{\text{NP}}$ /*her boat $_{\text{DP}}$.

(15) She/*She boat $_{\text{DP}}$ /*The she $_{\text{NP}}$ is old.

A ausência de um traço D nos nominais em inglês impossibilitam qualquer retomada de possíveis traços de concordância dos nomes, como o fazer as anáforas pronominais. A mesma restrição é encontrada no português. Dos exemplos acima, também podemos concluir que a presença de D, na forma de um determinante ou de um pronome pessoal (que carrega traços de determinantes) licencia a concordância.

Inglês:

(16) a. *Boat_i is old, but I can't sell her_i.

b. *Boats are old, but I can't sell them

Português:

(17) a. *Barco é velho, mas não posso vendê-lo.

b. *Barcos são velhos, mas não posso vendê-los.

A leitura genérica de (16-17) impossibilita a retomada por uma anáfora, uma vez que seus traços não podem ser copiados.

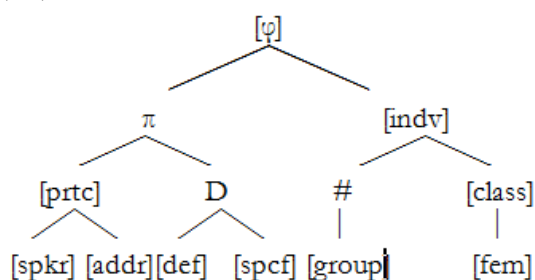
Assim, propomos que o traço D é responsável pelo engatilhamento da concordância φ no DP, isto é, é D quem carrega os traços φ interpretáveis do DP. Conclusões semelhantes são apresentadas na literatura linguística (cf. KUCEROVÁ, 2014; RITTER, 1993, entre outros). Kucerová (2014), por exemplo,

chega a conclusões semelhantes ao observar o comportamento da marcação de gênero em dialetos do italiano. Adotando a ideia de *Feature Inheritance* (CHOMSKY, 2008), a autora assume que D é quem introduz φ na derivação. Já Ritter (1993, p. 795) propõe que gênero é uma instância de variação e é gerado em Num - uma categoria funcional dissociada de N, podendo ser anexado a N através de movimento de núcleo. A essência de ambas as propostas é a mesma: gênero gramatical não é um primitivo dos nomes, mas sim um objeto de ordem funcional.

Isso nos leva a propor que N não possui traços φ valorados. Da mesma forma que número, gênero pode ou não ser marcado no predicado, dependendo da presença de um D especificado. Proponho, portanto, que gênero e número possuem o mesmo comportamento. Dessa forma, o comportamento sintático de ambos os traços é idêntico. Os sujeitos das estruturas copulares em (10) e (11) não possuem a camada D na sua hierarquia de traços. O licenciamento de tais elementos é feito através da valoração do nó dominante disponível, $[\pi]$. Assim, não há leitura, em PF, para traços que não estejam ativos, não havendo leitura específica/definida em LF.

A impossibilidade de valoração deste traço é o que acarreta a aparente "falha de concordância", o que não impede *Agree* de obter sucesso. Isso se dá pelo fato de haver um nó responsável pela representação de qualquer elemento referencial independentemente. Esse nó é chamado de traço $[\pi]$ por Carvalho (2008) e domina os demais traços φ , como pode ser observado abaixo:

(18)



Essa generalização é capturada a partir da própria motivação de *Agree*. De acordo com CHOMSKY (2001, 2004), *Agree* seria o mecanismo computacional para lidar com traços não interpretados (não-valorados) (CHOMSKY, 2001, p. 5).

Assim, no dado em (1), por exemplo, o núcleo nominal *natureza* teria uma configuração [μ CLASS[FEMININE]] para a categoria gênero. Já o

determinante *um* apresenta uma configuração de subespecificação, apresentando pelo menos o nó raiz [CLASS] em comum com o núcleo, estabelecendo-se a configuração de concordância de gênero no DP, como ilustrado em (19) abaixo:

- (19) natureza=[μ CLASS[FEMININE]]
 um=[CLASS]

Assim, pode-se assumir a configuração em (20) abaixo para (1) acima, em que o núcleo nominal apresenta uma composição totalmente especificada para gênero, enquanto o determinante apresenta subespecificação para [FEMININE].

- (20) [DP [D um_{CLASS}]][NP [N natureza_{{ μ CLASS_{FEMININE}}}}]]⁶}

Podendo ser mais especificado que a sonda, o alvo carrega os traços interpretáveis, que valorarão os da sonda, não-interpretáveis. Portanto, a configuração do alvo, mesmo mais especificada que a da sonda, favorece as condições para valoração estabelecidas acima. Dessa forma, havendo intersecção entre o nó raiz do alvo e da sonda, a operação *Agree* é bem sucedida. Abaixo, a tabela 1 mostra o *output* da operação *Agree* para o exemplo (1) e a tabela 2, para o exemplo (2), de Helvécia.

Sonda (<i>natureza</i>)	Alvo (<i>um</i>)
[μ CLASS[FEMININE]]	[CLASS] <i>Agree</i> é bem sucedido

Tabela 1: *Agree* dos traços de gênero com pares sonda-alvo (1)

Sonda (<i>perna</i>)	Alvo (<i>o</i>)
[μ CLASS[FEMININE]]	[CLASS] <i>Agree</i> é bem sucedido

Tabela 2: *Agree* dos traços de gênero com pares sonda-alvo (2)

⁶ Utilizamos colchetes etiquetados por razões de espaço. As chaves que envolvem os valores dos traços são usadas em vez de colchetes para não causar confusão com os colchetes que representam os sintagmas na configuração sintática. No corpo do texto, os traços continuarão sendo representados entre colchetes.

A mesma análise se aplica aos dados de Muquém, visto que apresentam a mesmo *mismatch* de traços que os dados de Helvécia. Abaixo, apresentamos os *outputs* de *Agree* para os dados (3) e (4).

Sonda (<i>pessoa</i>)	Alvo (<i>aquele</i>)
[uCLASS[FEMININE]]	[CLASS] <i>Agree</i> é bem sucedido

Tabela 3: *Agree* dos traços de gênero com pares sonda-alvo (3)

Sonda (<i>última</i>)	Sonda (<i>dia</i>)	Alvo (<i>a</i>)
[uCLASS[FEMININE]]	[uCLASS]	[CLASS[FEMININE]] <i>Agree</i> é bem sucedido

Tabela 4: *Agree* dos traços de gênero com pares sonda-alvo (4)

Para explicar a diferença entre os padrões que são foneticamente realizados e os que não o são, assumiremos com Carvalho (2015, p. 152-153) que a disponibilidade dos itens morfológicos estão disponíveis pós-sintaticamente, baseado em condições como o *Elsewhere Principle*. Adotaremos uma reinterpretação do autor do *Elsewhere Principle* (KIPARSKY, 1973) para estabelecer a opcionalidade *spell-out* da primeira pessoa nos dados acima. O *Elsewhere Principle* pode ser formulado da seguinte maneira (NEELEMAN; SZENDRÓI, 2007, p. 685):

Elsewhere Principle

R1 e R2 são regras em competição que têm D1 e D2 como seus respectivos domínios de aplicação. Se D1 é um subconjunto de D2, então R1 bloqueia a realização de R2 em D1.

Os autores apontam as seguintes consequências do *elsewhere principle*:

- i. *Ceteris paribus*, a realização fonológica de uma categoria C terá prioridade sobre a realização de uma categoria contida em C;
- ii. *Ceteris paribus*, a realização fonológica de uma categoria C contendo mais traços de C terá prioridade sobre uma realização fonológica contendo menos traços;
- iii. Opcionalidade resulta se a realização fonológica de uma categoria C realizar menos traços de C do que a realização fonológica de uma categoria contendo C.

Portanto, a opcionalidade do *spell-out* de gênero nas variedades do Português Brasileiro discutidas neste trabalho é resultado da variação prevista na gramática, condicionada pelo próprio *Elsewhere Principle*, uma vez que as especificidades na estrutura dos pronomes não implica na violação de tal princípio.⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do modelo de análise proposto em Carvalho (2016), foi possível analisar o comportamento sintático das estruturas que apresentam tanto variação na concordância de gênero em comunidades afrodescendentes quanto o português atual falado no Brasil. Foram usados, para análise, dados de comunidades afrodescendentes que apresentam severa subespecificação da marca de gênero em seus nominais. Entretanto, o núcleo determinante nestas construções se mantém intacto, o que reforçou a hipótese de que, assumindo-se D como o *locus* dos traços interpretáveis no sintagma nominal, em um mecanismo de concordância que leve em conta subespecificação, o alvo pode apresentar uma estrutura distinta da sonda, contanto que haja identidade pelo menos do nó raiz, como definido em Carvalho (2008). Assumindo com este autor que a configuração da categoria gênero é dominada por um nó neutro [CLASS] e que elementos nominais com marca de feminino são mais especificados, apresentando a configuração [μ CLASS[FEMININE]], explicou-se a razão de a variação atingir apenas os elementos que desempenham o papel de alvo no domínio do DP. Dessa forma, a análise acima citada mostrou que é possível um mecanismo de concordância unificado para os fenômenos que envolvem traços ϕ . Da mesma forma que para as categorias *pessoa* e *número*, uma análise baseada na subespecificação de traços é possível para *gênero*.

⁷ Nossa proposta reforça de todo modo a *Conjectura Borer-Chomsky* (BAKER, 2008), que prevê que o *locus* de variação nas línguas naturais é restringido por propriedades traçuais dos itens lexicais (RICHARDS, 2008, p. 135):

(i) **Borer-Chomsky Conjecture** (BCC; ‘lexical parameters’)

a. “Parametric variation is restricted to the lexicon, and insofar as syntactic computation is concerned, to a narrow category of morphological properties, primarily inflectional.” (Chomsky 2001: 2)

b. “The availability of variation [is restricted] to the possibilities which are offered by one single component: the inflectional component.” (Borer 1984: 3)

Assim, a postulação de apenas uma operação *Agree* é suficiente para concordância tanto em contextos que apenas superficialmente aparentam dessemelhança, como as comunidades afrodescendentes de Helvécia-BA e Muquém-AL.

REFERÊNCIAS

- ADGER, D.; SVENONIUS, P. Features in minimalist syntax. In: BOECKX, C. *The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism*. Oxford: Oxford University Press, p. 27-51, 2011.
- AGUILERA, V. A.; NAVARRO, A. M. M. Casos de não concordância nominal na linguagem rural paranaense: traços do português arcaico, influência africana ou indígena? In: AGUILERA, V. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro: Vozes, Veredas, Voragens*. V. 3. Londrina: EDUEL, p. 195-222, 2009.
- BAPTISTA, M. *The Syntax of Cape Verdean Creole: the Sotavento varieties*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- BÉJAR, S. *Phi-syntax: a theory of agreement*. Tese (Doutorado em Linguística) - University of Toronto, Canadá. 2003.
- BICKERTON, D. Creole Languages and the Bioprogram. In: NEWMeyer, F. (Org.). *Linguistics: The Cambridge survey*. V. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BISMARCK LOPES, I. C. *Traço e concordância de gênero na constituição da gramática do português*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- CARVALHO, D. S. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.
- CARVALHO, D. S. Sincretismo, subespecificação de traços e a sintaxe de gênero em uma comunidade do português afro-brasileiro: um estudo de caso. *Papia* n. 21, v. 1, 2011, p. 83-98.
- CARVALHO, D. S. Traços. In: FERRARI-NETO, J; SILVA, C.R.T (Org.). *Minimalismo em foco: princípios e debates*. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, p. 113-132, 2012.
- CARVALHO, D.S. Sobre pessoa e referencialidade no português. *Revista Letras*. N. 91, 2015, p. 131-157.
- CARVALHO, D. S. Concordância fracassada é, na verdade, relativização de traços. In: PILATI, E. (org.). *Temas em Teoria Gerativa*. Homenagem a Lúcia Lobato. Brasília, DF: Blanche Editora, p. 103-130, 2016.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

-
- CHOMSKY, N. *Minimalist Inquiries: the Framework*. MITWPL 15. Cambridge, Mass.: MITWPL, 1998.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Ma.: MIT Press, p. 1-52, 2001.
- CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, A. *Structures and Beyond: the Cartography of Syntactic Structures*. v. 3. New York: Oxford University Press, p. 104-131, 2004.
- CHOMSKY, N. On phases. In: FREIDIN, R.; OTERO, C.; ZUBIZARRETA, M. L. (Eds). *Foundational Issues in Linguistic Theory. Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, Ma.: MIT Press, p. 133-166, 2008.
- DECHAINED, R-M.; WITSCHKO, M. Decomposing Pronouns. *Linguistic Inquiry*, v.33, n.3, 2002, p. 409-442.
- FRAMPTON, J.; GUTMANN, S. *Agreement is Feature Sharing*. Ms. Northeastern University, 2000.
- HARLEY, H.; RITTER, E. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. *Language*, v. 78, 2002, p. 482-526.
- HOLM, J. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- KARIM, J. M. *A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP.
- KUCEROVÁ, I. *On two sources of ϕ -feature valuation and the consequences for syntactic computation: A case study from the Italian nominal inflection*. *LingBuzz*, Sep. 7, 2014. Disponível em :<<http://ling.auf.net/lingbuzz/002238>>
- LOBATO, L. *A concordância nominal no português do Brasil à da Teoria de Princípios e Parâmetros e da Sociolinguística Variacionista*. D.E.L.T.A., 10 – especial, 1994, p. 173-212.
- LUCCHESI, D. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: Novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- MATTOS E SILVA, R.V. *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MOURA, M.D. *Resquícios de Palmares: o que a comunidade quilombola nos diz*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- RITTER, E. Where's gender? *Linguistic Inquiry*, v.24, n. 4, 1993, p. 795-803.